

O NOME DAS COISAS

(...) A capacidade de dar nome às coisas revela-se em crise. À última, ou, se não a última, pelo menos a mais apavorante das doenças surgidas nos últimos anos, deu-se o nome de “aids”, uma mera sigla. Em outros tempos, as doenças mereceram nomes como “rubéola” (que até empresta alguma graça aos rubores a que se refere) ou “escorbuto” (assustadora como os piratas que costumavam contraí-la). Os índios, com seu fraco pelo barulho das vogais, nos legaram o lindo nome de “catapora”. “Aids”, além de ser sigla, leva outra característica de nosso tempo, o cientificismo, com sua referência à imunodeficiência adquirida. No caso brasileiro, (...) há a agravante de, incuráveis americanófilos, termos adotado a sigla em inglês. Ao contrário, franceses e espanhóis conformaram-na à ordem das palavras em seus idiomas (síndrome da imunodeficiência adquirida) e obtiveram resultado muito mais afeito à índole latina “sida”. Também os portugueses falam “sida”, não “aids”.

Em matéria de novas invenções, que é onde mais tem sido exigido o talento de dar nome às coisas, há falhas que advêm da própria incompreensão do objeto nomeado. “Computador” foi assim chamado porque a primeira utilidade que se vislumbrou no novo aparelho foi a de computar. Mas ele faz muito mais – compõe textos, arquiva, comunica. O objeto extravasou a designação com que se tentou aprisioná-lo. Nada supera, no entanto, em incompetência, na arte de nomear, os nomes que se deram, no Brasil, a duas outras invenções recentes – “aparelho de som” e “secretária eletrônica”.

“Vitrola” já era ruim. Era o nome de um produto lançado pela empresa Victor. Não tinha a nobreza de “gramofone” ou “fonógrafo”, nomes que, compostos de elementos de línguas antigas, resultaram, a exemplo de “automóvel” ou “televisão”, em vocábulos mais que aceitáveis. Mas “vitrola” pelo menos era original e sintético. “Aparelho de som” é um descabro. Aparelho de produzir som é qualquer instrumento musical, e nem precisa ser isso – é qualquer lata ou pedaço de pau. Mas o pior é que, por ser nome composto e comprido, deu lugar à abreviação “som”. “Não vamos esquecer de levar o som à praia”, diz a namorada ao namorado, como se esse elemento incorpóreo que é o som, o som puro, a vibração que viaja no ar, pudesse ser transportado de uma parte a outra por mãos humanas. “Não ponha o som em cima da cama”, diz a mãe ao filho, e isso, bem pesadas as palavras, é tão esdrúxulo como se dissesse: “Tire o vento de cima do travesseiro” ou “Guarde a claridade no armário”.

Pior ainda é “secretária eletrônica”. Supõe uma mulherzinha movida a pilha. Os irmãos portugueses, que nesse assunto de nomear são mais sensatos, dão a esse aparelho o nome de “gravador de chamadas”. Os portugueses também não cederam ao despropósito de chamar de “mídia” os meios de comunicação, termo pelo qual, grotescamente, o latim nos chega embrulhado de inglês. Ficaram com “mídia”, do latim original. Secretária eletrônica é um duplo insulto – às secretárias e ao aparelho que pretende designar. Às secretárias porque as equipara a uma engenhoca acoplada ao telefone. Ao aparelho, pelo desprestígio resultante de nome carregado de ridículo. O apelido que lhe foi pespegado no Brasil condenou à indignidade o gravador de chamadas.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. VEJA, 03/03/1999.)

Questão 01

Segundo o jornalista Roberto Pompeu de Toledo, no Brasil também preferimos uma sigla para nomear a doença conhecida como “síndrome da imunodeficiência adquirida”.

Identifique, de acordo com o texto:

- A) a razão para os brasileiros optarem pelo termo “Aids”;
- B) a sigla adequada para a “síndrome da imunodeficiência adquirida”.

Questão 02

Cada parágrafo trata de um assunto específico dentro do tema geral do texto. Um dos parágrafos, entretanto, estabelece uma conexão com os parágrafos que lhe seguem.

- A) Identifique esse parágrafo.
- B) Explique a conexão realizada.

Questão 03

Quando dizemos “aparelho de som”, já estamos efetuando uma abreviação da idéia “aparelho de produzir som”.

- A) Explique por que o termo “som”, dito no lugar de “aparelho de som”, é uma metonímia.
- B) Apresente uma palavra derivada por sufixação de um dos termos sublinhados.

Questão 04

“Secretária eletrônica é um duplo insulto – às secretárias e ao aparelho que pretende designar.”

Em relação à expressão sublinhada na oração acima,

- A) justifique a ocorrência da crase;
- B) classifique-a sintaticamente.

DESEJO

**Ao sopro da transfiguração noturna
Distingo os fantasmas de homens
Em busca da liberdade perdida:**

**Quisera possuir cem milhões de bocas
Quisera possuir cem milhões de braços
Para gritar por todos eles
E de repente deter a roda descomunal
Que tritura corpos e almas
Com direito ao orvalho da manhã,
À presença do amor, à música dos pássaros,
A estas singelas flores, a este pão.**

(MENDES, Murilo. Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.)

Questão 05

- O poema "Desejo", de Murilo Mendes, fala da vontade de "*deter a roda descomunal*".
- A) Indique o verbo do poema que melhor expressa o seu título.
- B) A expressão "*roda descomunal*" é uma metáfora, que pode ter vários sentidos. Aponte um sentido possível e adequado para essa metáfora, levando em conta o significado geral do poema.

Questão 06

- O trabalho com a métrica e com a rima pode caracterizar um poema como pertencente ao estilo parnasiano ou modernista.
- A) Explique como se apresentam a métrica e a rima no poema de Murilo Mendes.
- B) Identifique o estilo do poema.

O COELHO E O CACHORRO (fragmento)

De vez em quando surgem umas histórias que todos que contam juram ser verdade e até dizem que têm um primo que conheceu a vizinha da sobrinha da pessoa com a qual aconteceu. A mais célebre é aquela do sapatinho vermelho da sogra que desliza debaixo do banco do carro. Lembrou?

05 Agora pintou uma nova. Simplesmente genial. Quem me contou garante que aconteceu na Granja Viana, bairro de classe média alta em São Paulo, na semana passada.

10 Eram dois vizinhos. O primeiro vizinho comprou um coelhinho para os filhos. Os filhos do outro vizinho pediram um bicho para o pai. O doido comprou um pastor alemão.

Papo de vizinho:

- Mas ele vai comer o meu coelho.

- De jeito nenhum. Imagina. O meu pastor é filhote. Vão crescer juntos, pegar amizade. Entendo de bicho. Problema nenhum.

15 E parece que o dono do cachorro tinha razão. Juntos cresceram e amigos ficaram. Era normal ver o coelho no quintal do cachorro e vice-versa. As crianças, felizes.

20 Eis que o dono do coelho foi passar o final de semana na praia com a família e o coelho ficou sozinho. Isso na sexta-feira. No domingo, de tardinha, o dono do cachorro e a família tomavam um lanche, quando entra o pastor alemão na cozinha. Pasmos.

Trazia o coelho entre os dentes, todo imundo, arreventado, sujo de terra e, é claro, morto. Quase mataram o cachorro.

- O vizinho estava certo... E agora, meu Deus?

- E agora?

25 A primeira providência foi bater no cachorro, escorraçar o animal, para ver se ele aprendia um mínimo de civilidade e boa vizinhança. Claro, só podia dar nisso. Mais algumas horas e os vizinhos iam chegar. E agora? Todos se olhavam. O cachorro rosnando lá fora, lambendo as pancadas.

- Já pensaram como vão ficar as crianças?

30 - Cala a boca!

Não se sabe exatamente de quem foi a idéia, mas era infalível. Vamos dar um banho no coelho, deixar ele bem limpinho, depois a gente seca com o secador da sua mãe e coloca na casinha dele no quintal.

35 Como o coelho não estava muito estraçalhado, assim fizeram. Até perfume colocaram no falecido. Ficou lindo, parecia vivo, diziam as crianças. E lá foi colocado, com as perninhas cruzadas, como convém a um coelho cardíaco.

Umas três horas depois eles ouvem a vizinhança chegar. Notam o alarido e os gritos das crianças. Descobriram! Não deram cinco minutos e o dono do coelho veio bater à porta. Branco, lívido, assustado. Parecia que tinha visto um fantasma.

40 - O que foi? Que cara é essa?

- O coelho... O coelho...

- O que tem o coelho?

- Morreu!

- Todos:

- 45 - **Morreu? Inda hoje de tarde parecia tão bem...**
- **Morreu na sexta-feira!**
- **Na sexta?**
- **Foi. Antes de a gente viajar as crianças enterraram ele no fundo do quintal!**

(...)

50 **O personagem que mais me cativa nesta história toda, o protagonista da história, é o cachorro.**

55 **Imagina o pobre do cachorro que, desde sexta-feira, procurava em vão pelo amigo de infância, o coelho. Depois de muito farejar descobre o corpo. Morto. Enterrado. O que faz ele? Provavelmente com o coração partido, desenterra o pobrezinho e vai mostrar para os seus donos. Provavelmente estivesse até chorando, quando começou a levar porrada de tudo quanto é lado.**

60 **O cachorro é o herói. O bandido é o dono do cachorro. O ser humano. Sim, nós mesmos, que não pensamos duas vezes. Para nós o cachorro é o irracional, o assassino confesso. E o homem continua achando que um banho, um secador de cabelos e um perfume disfarçam a hipocrisia, o animal desconfiado que tem dentro de nós.**

Julgamos os outros pela aparência, mesmo que tenhamos que deixar esta aparência como melhor nos convier. Maquiada.

Coitado do cachorro. Coitado do dono do cachorro. Coitados de nós, animais racionais.

(PRATA, Mario. ISTO É, 22/04/98.)

Questão 07

Entre as modalidades discursivas – dissertativa, narrativa, descritiva – uma delas apresenta estrutura com enredo e personagens.

- A) Cite a modalidade predominante no texto de Mario Prata.
B) O cachorro é o protagonista da história.
Identifique o antagonista.

Questão 08

O texto de Mario Prata nos conta uma história em tom de fábula. Nas fábulas, costuma haver um final moralizante.

- A) Identifique, no texto, o critério de julgamento utilizado pelos seres humanos.
B) Transcreva dos três últimos parágrafos do texto uma frase completa que justifique a resposta anterior.

Língua Portuguesa/Literatura Brasileira

Questão 09

O autor utiliza expressões da linguagem coloquial.

Reescreva as passagens abaixo, substituindo os termos sublinhados por outros do padrão mais formal da língua:

A) "Agora pintou uma nova".

B) "As crianças enterraram ele no fundo do quintal".

Questão 10

Considere as orações "*De vez em quando surgem umas histórias*" (linha 01) e "*e amigos ficaram*" (linha 15).

Retire dos dois primeiros parágrafos um termo com a mesma função sintática de:

A) "*umas histórias*";

B) "*amigos*".